

# AGULHA DE SAGUE: NAS TESSITURAS DA EXPLORAÇÃO E NO ALINHAVO DA VIDA

*Maria Adriana Farias Rodrigues*

(Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande)

**Resumo:** O presente trabalho acadêmico detém como objetivo enveredar uma discussão sobre a produção de Renda Renascença e as relações trabalhistas. Segundo Bourdieu (2007) a distinção social é um importante elemento diferenciador das classes sociais. O método de pesquisa é de ordenamento qualitativo, utilizando-se de questionários semi-estruturados para coleta de dados na comunidade rural de Cruz das Almas, situada no Cariri Paraibano. Além disso, esse trabalho também envereda uma discussão sobre a produção de Renda Renascença em Poção-PE, localidade conhecida como epicentro de Renascença no Nordeste Brasileiro. O primeiro ponto de discussão recaiu sobre a problemática alicerçada na construção da Alta Costura designada por Fonseca (2015) como um campo permeado por símbolos culturais elitistas. No segundo momento da discussão há a problematização da questão trabalhista, no tocante as relações de flexibilização do trabalho, produzindo reflexões em torno do processo histórico do campo do trabalho e, respectivamente, como acontecimentos a exemplo da II Guerra Mundial influenciaram os debates contemporâneos a cerca da dignidade humana em frente às condições degradantes no espaço do trabalho. Há nesse ponto também, as controvérsias inerentes à presença dos empresários rurais no campo brasileiro e as formas de exploração resultantes como orienta Fernandes (2008) da situação de dependência econômica. Os últimos capítulos são analíticos, averiguando os dados analisados no campo de estudo, desigualdade salarial, exploração e valor simbólico da Renda Renascença entram em pauta. Os resultados apontam que a produção de Renda Renascença é realizada sobre o bojo do desamparo público, promovendo que grandes empresárias do ramo explorem a mão de obra de forma barateada e sem vínculos legais.

**Palavras-Chaves:** Renda Renascença. Relações de Trabalho. Alta Costura.

**Abstract:** The present academic work aims to engage in a discussion about the production of Renaissance Income and labor relations. According to Bourdieu (2007), the social distinction is an important differentiating element of social classes. The research method is of qualitative ordering, using semi-structured questionnaires for data collection in the rural community of Cruz das Almas, located in Cariri Paraibano. Also, this work also engages in a discussion on the production of Renaissance Lace in Poção-PE, a location known as the epicenter of Renaissance in Northeast Brazil. The first point of discussion was the problem based on the construction of Haute Couture, designated by Fonseca (2015) as a field permeated by elitist cultural symbols. In the second moment of the discussion, there is a problematization of the labor issue, regarding the flexibilization of work relations, producing reflections around the historical process of the field of work and, respectively, how events such as World War II influenced contemporary debates about human dignity in the face of degrading conditions in the workplace. There are also, at this point, the controversies inherent to the presence of rural entrepreneurs in the Brazilian countryside and the resulting forms of exploitation as guided by Fernandes (2008) of the situation of economic dependence. The last chapters are analytical, verifying the data analyzed in the field of study, wage inequality, exploitation, and symbolic value of the Renaissance Income come into the agenda. The results show that the production of income Renaissance is carried out amid public helplessness, promoting that large businesswomen in the industry exploit labor cheaply and without legal ties.

**Key-Words:** Renaissance income. Work relationships. High fashion

## INTRODUÇÃO

A Renda Renascença é parte da tradição do Sertão  
Em cada peça criada um novo símbolo de ressignificação  
Sua datação é imprecisa, mas foi no nordeste que encontrou adesão  
O alinhavo, a linha, o lacê e a rendeira são partes dessa junção  
Juntos formam um enredo que merecem problematização  
Será mesmo que o preço é justo por tamanha precisão?  
E as peças quem usa? A rendeira ou o patrão?  
As peças são muito mais que uma vestimenta, mas um enredo de exploração  
Escondidas da mídia e silenciadas na escuridão  
Mulheres que tecem distinção, mas seu labor é um recôndito de servidão.<sup>1</sup>

Este trabalho tem como problemática central discutir as relações de produção na fabricação de Renda Renascença, discutindo os padrões de Alta Costura, expropriação do Trabalho na comunidade rural de Cruz das Almas, localizada no Cariri Paraibano. Além disso, pretende-se averiguar a produção de Renda Renascença em Poção-PE, haja vista seu caráter tradicional como principal rota de escoamento de Renda Renascença do Pernambuco.

Conforme Wanderley (2000), o campesinato brasileiro é permeado por relações simbólicas e de produção, o camponês “moderno” não pode ser visualizado por uma ótica estática, mas sim de constante atualização. Embora o âmbito rural nacional esteja modernizando-se, ainda existe a presença de práticas arcaicas, principalmente na relação de produção. Neste aspecto, podemos considerar que houve alterações nos processos de sociabilidade no campo, no entanto, tais modificações não descontroem a concepção de *modus vivendi e modus operandi* típico do cotidiano do campesinato brasileiro.

Dessa forma, existe atualmente conforme Wanderley (2000), uma necessidade de adentrar no âmbito do campesinato brasileiro, na atividade de compreender os processos de integração social e, similarmente, as arbitrariedades existentes em tal ambiente, que são provenientes, segundo Fernandes (2008), pela subserviência do mundo agrário em frente à economia nacional. Fernandes (2008), afirma que o Brasil detém uma dependência econômica em relação às economias centrais, gerando assim, uma necessidade de exploração para manter o padrão elitista da sociedade urbana, neste sentido, o campo se torna o setor de extração das riquezas para conceber os sustentáculos da “elite predatória”, promovendo a teoria da “*dependência dentro da dependência*”. A economia nacional é satelizada em relação às economias centrais, gerando uma heteronomia e, dessa forma, a economia rural é subserviente a nacional, propiciando uma relação de exploração em cadeia que promove ao campo alto

---

<sup>1</sup> Poema autoral, que retrata de forma sintetizada através da narrativa poética partes importantes que serão discutidas ao decorrer deste trabalho.

índice de miserabilidade. Assim também como o surgimento de empresários (a) oportunistas que visualizam na situação de carência, um ambiente fértil para explorar sem penalidades jurídicas.

As realidades estudadas estão inseridas em dois Estados, Paraíba e Pernambuco, o primeiro ambiente de estudo está situado no âmbito rural, cujos núcleos de sociabilidade efervescente são próximos, promovendo na concepção de Candido (1995), maior coesão social e participação coletiva de seus membros na tomada de decisão, o trabalho busca averiguar as relações existentes na produção material e simbólica da Renda Renascença na comunidade de Cruz das Almas. O segundo campo de pesquisa está situado no Agreste Pernambucano, na cidade de Poção-PE, situada na rota de escoamento e produção de Renda Renascença, a localidade do estudo deu-se em decorrência da especificidade, o estabelecimento de renda de Sr.<sup>a</sup> Joana Brado<sup>2</sup>, na cidade de Poção –PE existe inúmeros estabelecimentos de confecção e venda de utensílios feitos de renda, sendo assim, a loja de Sr.<sup>a</sup> Joana Brado é apenas mais um local que dentro da esfera econômica de Poção representa uma importância significativa.

O objetivo geral deste trabalho busca averiguar as relações de trabalho na comunidade rural de Cruz das Almas, localizada no cariri paraibano. Bem como, compreender os processos de produção, as relações trabalhistas e os aspectos culturais envolvidos na produção de Renda Renascença na cidade de Poção. Nos objetivos específicos temos as seguintes disposições: analisar os processos de sociabilidade e produção simbólica na comunidade rural de Cruz das Almas e na cidade de Poção-PE, buscando evidenciar as relações trabalhistas na produção da Renda Renascença; identificar os significados inerentes à produção da Renda Renascença e sua vinculação com a confecção de Alta Costura e o artesanato regionalista; comparar a produção de Renascença nas comunidades rurais em relação à cidade de Poção-PE, e, respectivamente, a valorização econômica no mercado das peças fabricadas, discutindo a dicotomia entre processo de produção autônomo e “no cabresto sendo atrelada determinada marca ou título de Renda Nobre”.

A pesquisa é de suma importância haja vista a especificidade da temática abordada, conforme levantamento prévio de estudos da arte na área foi perceptível à inexistência de produções científicas que discutam a temática da expropriação do trabalho na contemporaneidade na produção da Renda Renascença. A atividade do sociólogo consiste em desvendar o social, promovendo assim, estudos empíricos sobre as realidades apresentadas,

---

<sup>2</sup> Os nomes utilizados são fictícios em decorrência do sigilo acadêmico solicitado previamente pelos entrevistados.

ainda nessa perspectiva, Bauman (2017) discute que as atribuições do sociólogo estão edificadas na percepção do “aparentemente invisível”, compreender as dinâmicas sociais pós-modernas e os comportamentos dessa nova era é essencial para o campo sociológico. Dentro dessas premissas de análise, o compromisso edificado nesse trabalho dialoga principalmente com a necessidade de desvendar ambientes sociais diversos, buscando entender os dinâmicos sociais presentes e, respectivamente, suas consequências nas relações subjetivas construídas pelos indivíduos.

## **1. METODOLOGIA: TRAÇANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS E CONSTRUINDO O UNIVERSO DE PESQUISA**

O estudo realizado é de ordenamento exploratório cuja abordagem detém o método qualitativo para apreender o fenômeno abordado. Segundo Silva e Meneses (2001) a pesquisa exploratória auxilia no aprofundamento da problemática social discutida, demonstrando os “porquês” que estão invisíveis no campo de estudo. A primeira técnica que será utilizada na elaboração teórica deste trabalho é o uso de entrevistas semiestruturadas, tal escolha dar-se em decorrência da necessidade de apreender as particularidades dos indivíduos entrevistados, os questionários semiestruturados também tiveram uma especificidade, a focalização – elemento que proporciona compreender de uma forma mais ampla cada grupo estudado, embora esse tipo de questionário detenha uma métrica acadêmica rigorosa, a liberdade traz consigo aprofundamentos que não seriam visualizados em questionários estruturados, a partir dos enredos descritos na entrevista, o mediador da conversa (Entrevistador), consegue enxergar questões que passariam despercebidas, caso fosse seguido o roteiro de forma rígida. A entrevista focalizada também é essencial quando existe a necessidade de elaboração de vários modelos de questionários, a seguir Lakatos e Marconi (2003) elucidam essa questão:

Entrevista focalizada. Há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessários habilidade e perspicácia por parte do entrevistador. Em geral, é utilizada em estudos de situações de mudança de conduta. (LAKATOS, MARCONI, 2003, p.197).

Outra técnica também desenvolvida foi à observação assistemática, denominada como técnica marcada pela informalidade, espontaneidade, ordinária e simples, assim também como a observação da vida real que pode ser considerada um vislumbre teórico de pesquisa. Desde 2016, lanço o “olhar crítico” sobre a comunidade, o projeto: “Mulheres Rendeiras do Cariri

Paraibano- Artesanato de Luxo” iniciou sua atividade na comunidade cujo nome fictício é Cruz das Almas em 2015.<sup>3</sup>

## **2. O SURGIMENTO DA RENDA RENASCENÇA – DE VERSALHES AO NORDESTE BRASILEIRO**

A periodização do surgimento das Rendas Renascença torna-se complexo quanto ao quesito exatidão, Silva (2013) admite que essa problemática ainda esteja alicerçada em torno de grandes dificuldades de determinar historicamente a tenra idade deste tipo de bordado. A Renda Renascença originou-se primeiramente em Veneza no século XVI, provavelmente entre 1400 - 1600, posteriormente a França começa o processo de imitação dos bordados, esse tipo de artesanato adentra em solo brasileiro através das grandes navegações, instaurando-se no Nordeste brasileiro (SILVA, 2003, p. 83).

Na produção de Renda Renascença vários utensílios são indispensáveis no processo de elaboração das peças, por exemplo, as agulhas que podem ser: agulha de ponto; agulha de Malha; agulhão de espeto, também é utilizado os alfinetes para prender o risco<sup>4</sup> no rolo. Além disso, o lacê é uma fita fina com furos nas laterais onde as agulhas atravessam tecendo, o processo de aliavamento é uma das etapas mais importantes, pois é nesse momento onde a alinhavadeira prende o lacê sobre o desenho, proporcionando ou não a rigidez dos desenhos, caso essa etapa seja feita de forma incorreta ou conduzida de maneira ineficiente, o lacê soltasse da folha, facultando no afrouxamento<sup>5</sup> dos pontos.

Conforme Goldemberg (1904) existe uma diferenciação entre as rendas fabricadas a mão e através de máquinas, compreendem-se que a especificidade do processo de fabricação promove essa diferença, as rendas fabricadas a mão são concebidas em decorrência de um árduo e habilidoso trabalho de elaboração dos bordados europeus, além de contar com elementos como paciência e tempo. Em contrapartida, ainda na visão de Goldemberg (1904), as Rendas fabricadas nas máquinas são imitações, no entanto, a concepção de “imitação” não detém um elemento de distinção, visto que ambas as peças são idênticas, nos primórdios era possível observar as particularidades intrínsecas nos bordados, possibilitando assim, enquadrar ambos os tipos e seus aspectos de distinção, porém após um denso período de

---

<sup>3</sup> Todos os nomes dispostos neste trabalho acadêmico, envolvendo rendeiras e empresárias são fictícios para proteger a identidade dos entrevistados.







<sup>4</sup> Risco é o local onde está impresso o desenho, uma bussola que deve ser seguida de forma meticulosa.

<sup>5</sup> Afrouxamento é uma palavra que designada pelas Rendeiras para se referir ao esfacelamento dos pontos, na questão supracitada em relação a rigidez dos pontos da Renda Renascença

aperfeiçoamento dos fabricantes, tornou-se imperceptível averiguar entre as feitas à mão e as produzidas através de máquinas. As Rendas Renascenças são produzidas com auxílio de almofadas, os chamados “rolos” artesanais fabricados pelas rendeiras a partir de retalhos de roupas velhas para promover uma base sólida de apoio, impossibilitando que os desenhos não tenham uma espécie de “afrouxamento”. Desse modo, as rendeiras colocam sobre as almofadas que podem derivar tamanho, dependendo exclusivamente do tamanho da peça que será confeccionada e do conforto da produtora (OITICA, 1974, p. 37). Abaixo a imagem de um rolo artesanal e um risco onde serão tecidos os pontos, realizado pela artesã D. Luísa:

O Nordeste brasileiro é permeado por vários tipos de renda, Nóbrega (2015), em seu estudo, mapeou a presença de sete tipos diferentes, inseridos em localidades distintas, a seguir as Rendas encontradas no nordeste e suas principais características, tais diferenciações estão dispostas no quadro na íntegra:

**ORGONOGRAMA 01** – Tipos de rendas presentes no Nordeste

<b>RENDA RENASCENÇA</b>		Renda produzida com o uso da agulha, lacê e rolo;
<b>RENDA DE BILROS</b>		Renda elaborada com o uso de Bilros, que são instrumentos de madeiras utilizados na atividade de tecelagem;
<b>RENDA FILÉ</b>		Essa Renda é realizada com uma rede de malha, utiliza agulha de madeira e um molde de bambu;
<b>NHANDUTI OUTENERIFE</b>		Renda fabricada com um pequeno tear circular com linha e agulha grossa, os fios detém formato de sol;
<b>FRIVOLITÉ</b>		Renda feita a mão, usando linhas e uma pequeno navete;
<b>IRLANDESA</b>		Renda similar a Renascença, mas utiliza rolotê no lugar do lacê;

De acordo com o Almanaque produzido pelo Projeto Semear, implementado pelo Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), juntamente com Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e com o apoio da Agência Espanhola de Cooperação, atualmente há onze municípios reconhecidos como maiores produtores de Renda Renascença do Brasil - Poção-PE; Pesqueira-PE, Jataúba-PE; São João

do Tigre-PB; São Sebastião do Umbuzeiro-PB; Camalaú-PB; Sumé-PB; Monteiro-PB; Zabelê-PB; Prata-PB e Congo-PB.

Silva (2013), afirma que após o desembarque das grandes navegações portuguesas em terras brasileiras, a Renda Renascença como supracitada anteriormente, instala-se no Nordeste brasileiro, precisamente na cidade de Poção-PE que recentemente foi considerada a “Capital do Renascença ou Terra da Renda Renascença”, a partir da atividade historiográfica das memórias e relatórios locais, Silva (2013) diz que a disseminação da Renda começou a partir da iniciativa de Elza Medeiros<sup>6</sup> de popularizar o processo de produção da Renda no século XX, em outrora as Rendas eram apenas vestidas para padres e o conhecido das etapas de produção era guardado, impossibilitando o acesso, no entanto, Elza Medeiros ao perceber que a produção poderia promover uma fonte de renda para a comunidade local, até então Poção-PE era chamada de Vila do Poção, a Sr.<sup>a</sup> Medeiros foi responsável pela democratização do conhecimento, ensinando meninas ainda muito jovens por volta de 7 a 8 anos a atividade de tecer.

Silva (2013) salienta que essa iniciativa não estava sendo empregada apenas de forma desprezível, Sr.<sup>a</sup> Elza Medeiros detinha proximidade com as entidades religiosas. Lipovestky (2005) enaltece o caráter distintivo das rendas usadas no período renascentista, principalmente o luxo nas cerimônias religiosas da época, no entanto, apesar o requinte das peças bordadas pertencerem oficialmente aos indivíduos integrantes de estamentos sociais privilegiados, no caso elitista, tal autor reconhece uma circularidade entre as classes populares e aos padrões de consumo reais e do alto clero. Sr.<sup>a</sup> Medeiros, sendo uma das principais representantes da Igreja Católica, o interesse em ensinar o ofício da Renda para as meninas, fazia parte do movimento Integralista, que tinha como um dos eixos fundadores a educação feminina e, principalmente, a manutenção da mulher na esfera privada, sendo assim, o ato de ensinar é carregado de estruturas de dominação internas e visualizadas a partir da relação do patriarcado na condução do papel feminino, atribuindo-lhe a esfera privada e doméstica como “vocação social”, inserindo no âmbito das meninas o ócio de rendeiras como atividade desempenhada por mulheres e aceitável socialmente.

Em Bourdieu (2007) o conceito de *habitus*, promove um sistema de disposições e escolhas inconscientes que são introjetadas nos indivíduos no processo de socialização. Esse prisma de análise é adequado para compreender as motivações de Sr.<sup>a</sup> Elza Medeiros na utilização da atividade de tecer na manutenção das estruturas de dominação masculina

---

<sup>6</sup> De acordo com o levantamento bibliográfico Elza Medeiros popularizou a Renda Renascença na vila do Poção-PE, tal mulher era ligada a pastoral.

presentes nas sociedades ocidentais. Beauvoir (2019), ao realizar uma investigação sobre os papéis sociais atribuídos aos homens e mulheres, averigua que as atribuições femininas são construídas historicamente e socialmente ao decorrer dos anos, assim como afirma Elias (2001; 2012) que os padrões culturais são inseridos dentro de uma ótica temporal, isso confere dizer que as formas de agir e pensar estão alicerçadas sobre bases históricas, a autora e feminista Beauvoir (2019), salienta que as atividades desempenhadas por mulheres são construções humanas, na puberdade há uma cisão entre afazeres masculinos e femininos, a divisão do trabalho social na visão de Durkheim (2015), possibilita na solidariedade orgânica a integração entre as partes por gerar dependência no escopo social permeado por laços de solidariedade entre os membros, ainda na divisão social do trabalho ocorre a divisão social de trabalho feminino e masculino.

Adentrando no viés econômico, Silva (2003) no período do Brasil colonial, os artefatos de luxo como roupas de renda eram utensílios usados apenas por figuras legítimas, sendo restrito o uso para os indivíduos “subalternos”, além da necessidade de titulação para vestir uma peça com valor simbólico, devido aos altos índices de miserabilidade a suma parte da população não tinha acesso ao tipo de vestimenta que tivesse contido em seus traços criativos bordados de qualquer natureza que fossem.

Compreendo a dimensão de alargamento social visualizado no uso de roupas feitas por rendas, a competição na sociedade de corte em torno do requinte realçava as relações sociais com “tons expressivos”, na sociedade de corte os indivíduos travavam “batalhas pelo luxo” e requinte, Weber (2008), ao afirmar que Maria Antonieta recebeu o título de “Rainha do Luxo”, confere dizer que – dentro do jogo de competição do âmbito das sociabilidades da elite francesa, a nobre austríaca consegue através de sua vestimenta o potencial representativo, assemelhando-se as figuras divinas sacralizadas, na sociedade de corte a competição pelo posicionamento social alavancava as disputas políticas, impulsionando os indivíduos a se debaterem cotidianamente com desafios que demonstrassem sua superioridade perante o outro, a autoafirmação de seus membros é algo característico da dança social em rumo ao *status* cortês, como analisa Elias:

Numa sociedade em que cada manifestação pessoal tem um valor socialmente representativo, os esforços em busca de prestígio e ostentação por parte das camadas altas constituem uma necessidade de que não se pode fugir. Trata-se de um instrumento indispensável à autoafirmação social, especialmente quando - como é o caso da sociedade de corte - todo os participantes estão envolvidos numa batalha ou competição por status e prestígio (2001, p. 83).



Na cidade de Poção-PE, outrora chamada de Vila do Poção-PE, o uso da renda também estava restrito aos consumidores da elite econômica recifense, onde eram comercializadas as peças fabricadas, porém similarmente com o período colonial e a sociedade de corte apresentada por Elias (2001) as restrições econômicas impediam de pessoas pobres usarem roupas que facultassem um elemento de distinção social. No consumo “ostentatório” o mais importante é o ato de exibir riqueza, ou seja, o prestígio social adquirido pelo portador da vestimenta rendada. Silva (2013) diz que os usuários de peças rendadas de Pesqueira-PE estavam preocupados com o efeito provocado pelas peças, isto é com os elementos de distinção social que tais vestimentas de Renda Renascença poderiam caracterizar.

Osório (1983) diz que a Renda Renascença era usada na década de 1950 para compor os enxovais da elite Pesqueirense, as arrendatárias – rendeiras mestres que compravam as rendas das mulheres que fabricavam as peças, chamadas até os dias atuais de “trabalhadeiras” vendiam para as camadas sociais mais enriquecidas de Pesqueira-PE, as peças que eram compradas devido ao valor simbólico impresso, representava não apenas peças de enxoval de uma moça prestes a casar, mas um adereço caracterizado de “mulher moralmente aceita” pela sociedade, possuir uma peça de Renda Renascença dava-lhes o título de mulheres de bom gosto, assim como Dejean (2011), afirmava ao categorizar peças de luxo e peças sem prestígio social.

Bauman (2011) discute o consumo na pós-modernidade, embora estejamos elencando os primórdios do surgimento da Renda Renascença no Nordeste brasileiro, especificamente no epicentro da Renda Renascença, os padrões de consumo ao analisar a postura do portador assemelha-se aos *modus* operante da indústria da moda atual, que está empenhada em vender “identidades móveis” aos indivíduos permeados por relações líquidas, no entanto, o critério não consiste apenas na mobilidade exaustiva e fluída, mas sim em vender padrões ostentativos que construam uma realidade falsificada da dicotomia entre o dilema que atravessou a sociedade de corte e penetra até os dias de o consciente individual.

Na visão de Silva (2013) as vestimentas fabricadas pelas rendeiras fazem o imaginário da elite por promover a competição social, uma peça além de ser exclusiva, autêntica, singular e personalizada, carrega consigo os símbolos culturais de onde vieram, tornando-se não apenas uma “roupa ou objeto qualquer”, mas uma construção histórica e um emaranhado de relações de poder entre os indivíduos.

Embora Poção-PE seja considerado o polo socializador da Renda Renascença, outras cidades como já supracitadas fazem parte da rota de produção das rendas nordestinas. Esse

processo de descentralização do núcleo criativo para as demais cidades, a princípio fronteiriças como São João do Tigre-PB que faz fronteira com Pernambuco e é uma das principais rotas de adentrar em Poção-PE. Utilizando o conceito de identidade construída através da relação entre homem-mundo de Hall (2015), nota-se que Renda Renascença passa por um processo de reinvenção social constante, derivado de aspectos culturais regionalistas, ou seja, tanto as variações linguísticas modificam os nomes dos pontos de Renascença, quanto a partir do contato social novos pontos são inventados.

Embora Bauman (2011) e Hall (2002) sejam pós-modernos e ambos discutam as identidades humanas elaboradas em contato com o processo de socialização e interação com o meio onde estão inseridos, Bauman (2011; 2012), visualiza identidade como algo fragmentado, o autor evidencia essa questão através da problematização da fluidez cultural, já Hall (2002), apresenta uma análise que se enquadra de forma adequada para a abordagem de modificação cultural da Renda Renascença, a produção se reinventa em relação ao ambiente onde está inserida, no entanto, não pode ser configurada como uma relação líquida, isso ocorre pela produção de Renda Renascença atender a uma clientela privilegiada que busca a distinção social através da personificação da vestimenta, nos últimos anos é visível que a renda está adentrando no mundo mercadológico e tecnológico contemporâneo, todavia, essa inserção não promove a acessibilidade da compra das peças para as classes sociais mais populares, sendo um recurso ainda de uso elitista.

Avancini (2017) e seu estudo sobre os aspectos culturais da Renda Renascença e sua inserção no mundo mercadológico do designer discute que a renda está inserida atualmente dentro da discussão sobre cultura popular, utilizando-se do conceito de cultura popular de Canclini e Roncagliolo (1988), afirma que essa forma cultural surge como expressão oposta a cultura dominante, caracterizando uma forma de resistência e se opondo ao conjunto de expressões culturais ditas como autêntica pela elite. Bourdieu (2007), ao analisar o sistema educacional percebe essa relação ao visualizar a violência simbólica existente nos aparelhos ideológicos, a escola sendo uma importante instituição social, impõe valores elitistas, onde os indivíduos advindos de classe populares não detém conhecimento do ambiente social vivenciado pela elite, configurando a violência através dos simbólicos culturais que permeiam o imaginário privilegiado da elite.

A cultura pode ser compreendida também por um conjunto de símbolos que estão interligados na teia formada pelos processos constantes de sociabilidade, a análise realizada é concebida por intermédio da técnica interpretativista, em outrora os antropólogos descreviam as realidades sociológicas dispostas na sociedade admitindo suas descrições como realidades

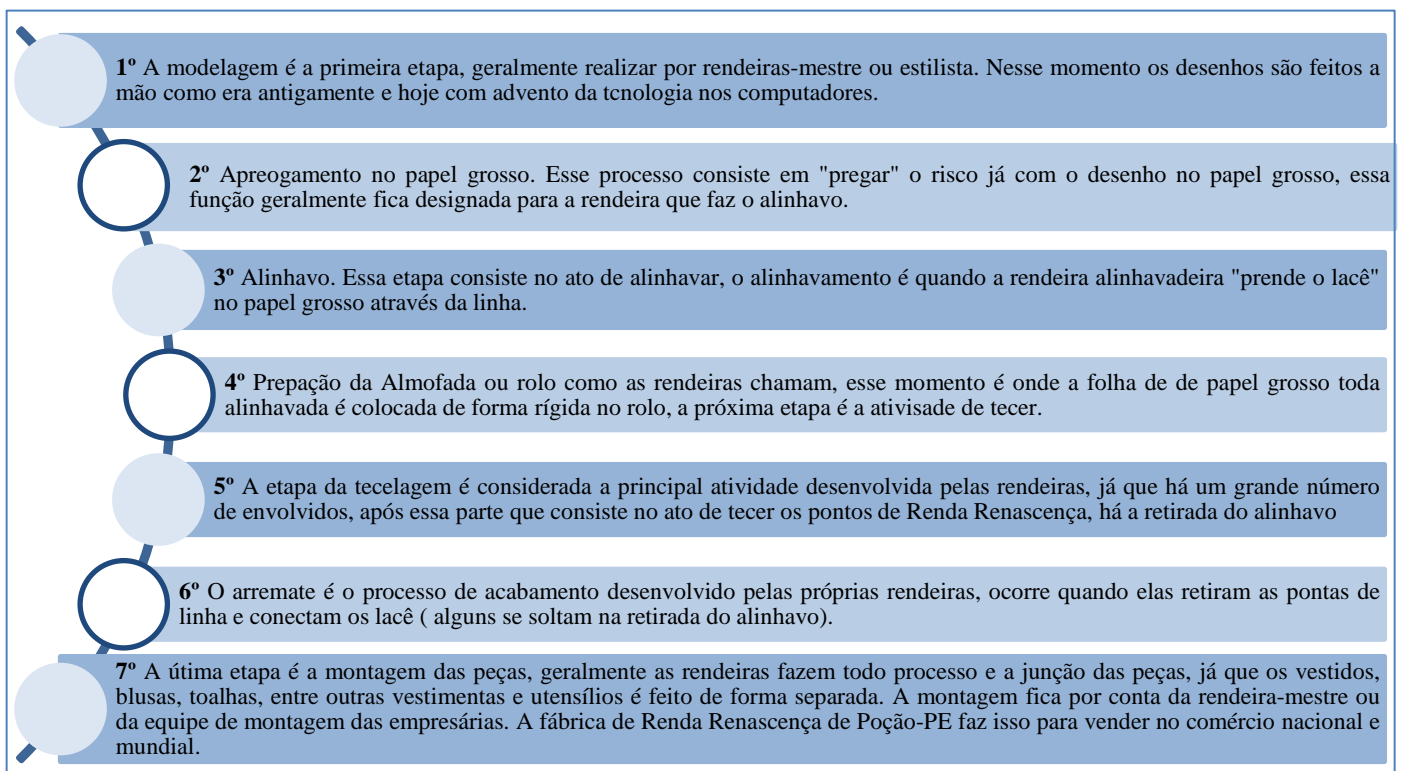
autênticas, sem problematizar que os relatos são interpretações sociais sobre a realidade, assim como orienta Geertz:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (2008, p. 4).

Tomando essa questão como parâmetro, conforme Geertz (2008), o homem é um animal social permeado por um emaranhado de teias sociais, sendo assim, a produção de Renda Renasença atravessa o crivo cultural no que concerne a interpretação subjetiva do ato de tecer. O designer é um fato elementar que faz parte do intercâmbio cultural e econômico entre as culturas. Em Flusser (2007), o designer expressa uma visão futurística da moda, ou seja, o designer é um importante elemento da moda na contemporaneidade, através da atividade de emoldurar peças são construídas narrativas sociais e realidades distintas.

**FIGURA 1** – Etapas do processo de produção da renda renasença

**Fonte:** Rodrigues, 2019.



Moraes (2018) discorre em seu trabalho sobre a heterogeneidade de pontos na fabricação de Renda Renascença, na íntegra estão expostos alguns pontos catalogados por Nóbrega (2015).

### **3. RESTROSPECTIVA HISTÓRICA DOS DIREITOS HUMANOS – TRABALHO**

#### **Agulhas de sangue**

*Tecendo a vida na margem da flexibilização  
As mãos dançantes sobre o sol escaldante  
Contam histórias através da linha e do lacê  
Enredos silenciosos de exploração  
As peças construídas não falam por si  
Se falassem, a cada sílaba dita.  
Uma gota de sangue era derramada*

De acordo com Comparato (2008), ao realizar uma retrospectiva histórica das afirmativas dos direitos humanos, é necessário salientar que há dois momentos importantíssimos para compreender os desdobramentos políticos na consolidação dos direitos humanos. Primeiro momento pontuado pelo autor situa-se na Independência dos Estados Unidos da América, âmbito social permeado por aspirações que dialogavam os ideais de liberdade entre os homens, afirmando-se como força motriz para as diretrizes básicas de dignidade humana quanto à acessibilidade a cidadania, postulado através da máxima de igualdade entre os homens.

Na Carta de Independência dos Estados Unidos da América em 1776 diz que: “Todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão à vida, a liberdade e a procura da felicidade”<sup>7</sup>. Ao edificar via documento jurídico que todos os indivíduos são iguais, uma mudança de perspectiva acontece, haja vista que em outrora havia uma hierarquia, possibilitando conceber a percepção que os monarcas, líderes religiosos detinha prerrogativas divinas, impedindo o cumprimento da igualdade entre os homens e vinculando alargamentos sociais abismais, o documento traz um avanço no campo jurídico, não que necessariamente a realidade segue o contraste idêntico aos ideais promulgados na Carta de Independência. (COMPARATO, 2003. p. 106).

---

<sup>7</sup> Carta de Independência dos Estados Unidos da América. Disponível em: <<http://braziliantranslated.com/euacon01.html>>. Acesso em: 22 set. 2019.

Locomovendo-se historicamente rumo a Revolução Francesa cujo lema era – Igualdade, Fraternidade e Liberdade, tal período influenciou diversos campos sociais, realizando debates no ambiente político, literário, social, entre outros. A Revolução Francesa, como salienta Comparato (2008), é um importante marco histórico na construção dos Direitos Humanos, embora suas bases edificadoras sejam visíveis desde o período medieval, foi no transcurso temporal entre a Proclamação da Independência dos Estados Unidos da América e sobre ideais de Maximilien de Robespierre disseminando concepções de mundo que desdobraria em uma das maiores Revoluções Políticas do globo terrestre:

A chamada Revolução Americana foi essencialmente, no mesmo espírito da Glorious Revolution inglesa, uma restauração das antigas franquias e dos tradicionais direitos de cidadania, diante dos abusos e usurpações do poder monárquico. Na Revolução Francesa, bem ao contrário, todo o ímpeto do movimento político tendeu ao futuro e representou uma tentativa de mudança radical das condições de vida em sociedade. O que se quis foi apagar completamente o passado e recomençar a História do marco zero - reinício muito bem simbolizado pela mudança de calendário (COMPARATO, 2008, p.33).

A partir dos acordos conduzidos pela Sociedade de Nações (SdN) a questão da escravidão sempre foi um problema que proporcionou grandes discussões, entre 1922 e 1923 vários debates emergiam sobre a escravidão nativa, ou seja, das sociedades indígenas, após realização de um mapeamento que demonstrou-se ambíguo na avaliação dos resultados, fez-se necessária elaboração de políticas públicas antiescravistas que permitisse um alicerce solidificado nos Direitos Humanos e conservasse a integridade e dignidades dos povos nativos em todo globo terrestre, nesse momento de intensos debates foi criado a “Comissão Temporária sobre a Escravidão” em 1924, os países]: Grã-Bretanha, França, Itália, Portugal, Holanda e Bélgica, foram designados para realizar um estudo cuja finalidade principal desta comissão era investigar práticas escravistas em países coloniais (FERRERAS, 2016, p. 491).

Em 1926 segundo Ferreira (2016) a Sociedade das Nações, aprova a convenção contrária à escravidão através da Comissão temporária, o principal objetivo consistia em apresentar o conceito de escravidão, a comissão estava dentro dos requisitos da missão civilizatória do Ocidente, que entre os objetivos fundamentais a abolição da escravidão ou práticas análogas à escravidão seria intoleráveis, como está descrita no Artigo 1º:

Art. 1º

Aos fins da presente Convenção entende-se que:

1. A escravidão é o estado ou condição de um indivíduo sobre o qual se exercitam os atributos do direito de propriedade ou alguns deles.
2. A trata de escravos compreende todo ato de captura, aquisição ou cessão de um indivíduo para lhe vender ou cambiar; todo ato de cessão por venda ou troca de um

escravo, adquirido para ser vendido ou trocado, e no geral todo ato de comércio ou de transporte de escravos <sup>8</sup>.

No entanto, Ferreira (2016) salienta que a Comissão Temporária tinha imbricado em duas defesas questões políticas, ou seja, em inúmeros países ainda havia a presença de trabalho escravo, principalmente em países coloniais, sendo assim, algumas clausuras foram inseridas devido aos acordos geopolíticos existentes, impossibilitando o compromisso em abolir qualquer forma de escravidão ou condições indignas de trabalho, no Art. 5º podemos visualizar essa problemática:

Art. 5º

As Altas Partes contratantes reconhecem que o recurso ao trabalho forçado ou obrigatório pode ter graves consequências e se comprometem, cada uma no que diz respeito aos territórios submetidos à sua soberania, jurisdição, proteção, suserania ou tutela, a tomar as medidas necessárias para evitar que o trabalho forçado ou obrigatório produza condições análogas à escravidão.

Fica entendido que:

1º Sob reserva das disposições transitórias enunciadas no parágrafo abaixo, o trabalho forçado ou obrigatório somente pode ser exigido para fins públicos;

2º Nos territórios onde ainda existe o trabalho forçado ou obrigatório para fins que não sejam públicos, as Altas Partes contratantes se esforçarão por acabar com essa prática, progressivamente e com a maior rapidez possível, e enquanto subsistir, o trabalho forçado ou obrigatório só será empregado a título excepcional, contra remuneração adequada e com a condição de não poder ser imposta a mudança do lugar habitual de residência;

3º Em todos os casos, as autoridades centrais competentes do território interessado assumirão a responsabilidade do recurso ao trabalho forçado ou obrigatório<sup>9</sup>.

De acordo com Ferreira (2016) a Sociedade das Nações (SdN) tinha limitações por atender demandas de caráter geopolítico. Adentrando na esfera nacional, a Convenção Nº 29, ocorrida em 1930 da Organização Internacional do Trabalho Escravo (OIT), conceituou o trabalho forçado como todo aquele que há penalidades (sanções) caso não houver o cumprimento de suas obrigações alicerçadas a partir de uma ótica desigual de poder entre o Patrão/Empregado como destrinchado nos parágrafos a seguir. A Convenção Nº 105 de 1957, elucidava a questão da necessidade da abolição do trabalho forçado, nesse debate o ponto edificou-se em discutir que a prática de trabalho forçado jamais deve ser pautada em pressupostos de crescimento e desenvolvimento econômico ou com finalidades de “educação política”, no caso uma pseudo-educação desumanizadora. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) trouxe avanços para os debates, sendo esses direitos importantes mecanismos sociais de reivindicação dos grupos que são marginalizados socialmente, a

---

<sup>8</sup>United States of America. Department of the State (1931, p. 3).

<sup>9</sup>League of Nations. Slavery Convention.

temática do Trabalho Análogo as Condições de Escravidão também entram em vigor nesses debates, sendo elucidado no presente Artigo 23º, como explícito abaixo:

1. Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.
2. Todo ser humano, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.
3. Todo ser humano que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

A problemática inserida na DUDH<sup>10</sup> em assegurar condições dignas de trabalho, é intensificada a partir do debate sobre a consolidação dos direitos sociais. De acordo com Telles (1999), antes da II Guerra Mundial o âmbito sociopolítico não detinha interesses em constituir diálogos de cunho humanitário, principalmente no que implicava conceber mínimas condições de existências aos indivíduos, reconhecendo-os como integrantes da sociedade e por assim dizer – cidadãos que detém direitos iguais perante a soberania nacional. O assunto sobre os direitos sociais no Brasil entram em pauta de forma tardia, segundo o vislumbre de Telles (1999), essa discussão se torna mais insistente a partir da Constituição de 1988, reconhecida como cidadã, por promover a inclusão das minorias, essa prerrogativa não estava presente de forma tão visível nas constituições anteriores.

### **3.1 AS RELAÇÕES TRABALHISTAS – INFORMALIDADE E EXPLORAÇÃO**

O conceito de informalidade é polissêmico, tornando-se motivo de debates entre sociólogos e economistas, isso ocorre em detrimento de sua constante modificação, haja vista as transformações do mercado, há um aumento nítido da crescente informalização e precarização das relações trabalhistas (ARAÚJO; LOMBARDI, 2013, p.452). O trabalho informal intensificou-se nos últimos anos no Brasil devido a Reforma Trabalhista, que flexibilizou os acordos entre empregadores e empregados, modificando as dinâmicas sociais e promovendo miserabilidade econômica, além da instabilidade que os indivíduos expostos a essa nova realidade são submetidos diariamente. Em Krein e Proni (2010), obviamente que isso antes da Reforma Trabalhista, houve um aumento quanto à regulamentação da situação do trabalho informal no país, todavia, após a reforma, o índice de trabalho informal cresceu exorbitantemente (KREIN, OLIVEIRA, FILGUEIRAS, 2019).

As relações trabalhistas informais promovem desigualdade econômica, que ocorre a partir de vários aspectos socialmente dispostos. Cardoso (2019), afirma que há diferentes

---

<sup>10</sup> Sociedade das Nações.

tipos de desigualdade, ou seja, para promover uma análise sobre a temática é necessário evidenciar o quanto a problemática da desigualdade passa pelo crivo da legitimidade, quando a ideia de que o próprio ordenamento social necessita dessa organização para sua manutenção. O autor contraria essa ótica discutindo os desdobramentos dessa postura no escopo social e admitindo que a ordem não detenha relação com a desigualdade, ou seja, que a naturalização da desigualdade deve ser repudiada, haja vista sua incongruência dentro da própria ótica de desenvolvimento social. Essas prerrogativas estão dispostas a seguir:

Desigualdades reais podem não ser percebidas como tais, se o ordenamento social produz justificativas que as legitimam como a “ordem natural do mundo”, e não como desigualdades. Exemplo recorrente é a análise de Tocqueville sobre as causas da revolução francesa. Camponeses e nobres constituíam uma ordem evidentemente desigual, mas aceita como justa desde que cada parte cumprisse o que dela se esperava: dos camponeses, produzir e pagar impostos; dos nobres, garantir segurança contra inimigos internos (fome, doenças) e externos (guerra) (CARDOSO, 2019, p. 12).

Após evidenciar a problemática alicerçada na naturalização da desigualdade, resultante em parte, pelo ordenamento social disposto e pela manutenção dessa ordem desigual, é importante retornar a crítica que Antunes (2018; 2014) realiza sobre a “Fábula do Fim” do trabalho, onde não haveria vínculos empregatícios, isso se mostrou uma premissa incongruente, na contemporaneidade, houve uma reestruturação das relações trabalhistas, o autor demonstra em outra obra sua a inserção das mulheres nesse novo mercado e as problemáticas de gênero, que emergem a partir da informalidade.

Entrelaçando na temática da produção de Renda Renascença, é pertinente uma análise imbricada quanto à questão da exploração existente na desregulação dos vínculos trabalhistas. No início do *Capital*, especificamente no capítulo I, intitulado de “Mercadoria”, Marx (2015), inicia dizendo que: “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria” (p. 157). Em seu parágrafo seguinte define conceitualmente a mercadoria, que segundo o autor pode ser descrita como:

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [Lebensmittel], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção. (Marx, 2015, p.157).

Na visão de Marx (2015), a mercadoria é, neste aspecto, um objeto externo que



através de suas propriedades elementares e imagéticas, satisfaz as necessidades humanas. O valor de determinada mercadoria é atribuído pela quantidade de trabalho utilizada em sua fabricação. O trabalho é uma atividade cuja finalidade é a produção de coisas úteis ao ser humano. A circulação das mercadorias concebidas pelo movimento de D-M-D promove o lucro, na visão do autor, o capitalista está empenhado em aumento constante do lucro e, respectivamente, há nesse processo, grosso modo a exploração, a produção de Renda Renasença também é intercalada por esse movimento, um dos artifícios de tornar a mercadoria atrativa é utilizando-se do “Fetiche da Mercadoria”, descrito a seguir:

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais. A impressão luminosa de uma coisa sobre o nervo óptico não se apresenta, pois, como um estímulo subjetivo do próprio nervo óptico, mas como forma objetiva de uma coisa que está fora do olho (MARX, 2015, p. 206).

Conforme Marx (2011), a mercadoria tem caráter de refletir nos homens caracteres sociais, ou seja, elementos de personificação. Na visão de Weber (2008), os vestuários utilizados por Maria Antonieta eram semblantes do requinte do Palácio de Versalhes, expressavam muito mais que apenas peças de roupas, eram mercadorias que elencavam os ordenamentos sociais, os parâmetros de distinção, na visão da autora esse movimento de construir símbolos culturais, promoveu o título a Antonieta de “Rainha da Moda” e, conseqüentemente, tornou Paris o epicentro do luxo e requinte, exportando para o mundo seus padrões de etiquetas, isso demonstra o poder influenciador do fetiche que a mercadoria carrega consigo, esse movimento também é visível na fabricação artesanal de Renda Renasença.

Retornando a problemática da informalidade, entendemos que a inexistência de contratos legais impossibilita avanços no campo das melhorias no setor da produção de Renda Renasença. A Constituição de 1998, inspirada na Declaração Universal dos Direitos Humanos descreve em seu artigo 1º, inciso III<sup>11</sup>, que a dignidade da pessoa humana será fundamental em um estado democrático de direito. De acordo com Marx (2015), outro fator para entender as desigualdades efetuadas pela presença irregular da distribuição do grande capital, é a remuneração, a correlação de forças entre a classe trabalhadora e a burguesia,

---

<sup>11</sup> Documento da Declaração dos Direitos humanos, disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>

proporciona diferenças exorbitantes nos salários, o lucro sobre aquilo que é produzido imensamente maior por a parte recebida pela classe operária.

Conforme afirma Schernovski (2014), as mulheres são submetidas ao barateamento dos produtos confeccionados em detrimento das altas taxas de desemprego e, respectivamente, das condições estruturais da sociedade. Dessa forma, as mulheres constituem um grupo de vulnerabilidade econômica em consequências das desigualdades de gênero, neste aspecto, a remuneração pelo labor é desvalorizada de forma profunda e nitidamente essa relação causa uma dependência econômica e simbólica, visto que a única renda que várias mulheres detêm, advém da produção dessa renda (SILVA, SILQUEIRA, 2018, p.223).

#### **4. O SILÊNCIO DAS INDIGENTES: A BOTIJA DE OURO PERDIDA NO CARIRI PARAIBANO**

##### *Ouro Branco*

*A pele enrugada pela exposição solar  
As mãos calejadas do trabalho laboral  
Dançavam no ar com as agulhas  
Sobre o ritmo do bordado europeu  
Na delicadeza da mão nordestina  
Os desenhos contavam  
Sobre as belezas do semiárido  
Figurinos sofisticados surgiam  
Suas criações eram vestidas  
Pelos rostos plastificados e endinheirados  
A elite esbanjava o requinte clássico  
As rendeiras vestidas da miséria e exploração  
Quanta contradição há no moderno...  
Quanta injustiça há “nos bondosos corações”  
Bocas entreabertas sussurram o empoderamento  
Mas, que empoderamento?  
A invisibilidade, o custo de produção paupéris?  
As condições insalubres?  
As Jornadas de trabalho desumanas? ...  
Rendeiras escondidas da mídia...  
Como botijas de ouro perdidas no cariri paraibano  
O poder de vender imagens, só imagens, desvirtuadas...  
Da realidade fria, alienada e subordinada...*

O vento quente soprava os cabelos daquelas dez mulheres, rendeiras, sem nome, sem cor, sem localidade. A paisagem do semiárido emoldurava os desenhos que seriam tecidos

pelas mãos calejadas e sofridas pela exposição solar, as grandes jornadas de trabalho laboral na roça, as pontas dos dedos surrupiadadas pelo deslize inquieto e imprevisível da agulha, quando o trabalho é apressado e frenético a agulha acaba furando as pontas dos dedos, Cruz das Almas é um sítio esquecido do poder público, situado na zona rural, uma botija de ouro perdida e encontrada pelo grande capital no cariri paraibano, os políticos daquela localidade em tempos de eleição levam migalhas, diante dos olhos amedrontados, sobre o semblante cansado, debaixo das árvores de Juazeiro e Aroeira, observei sobre o ponto mais alto de Cruz das Almas, o percurso da minha pesquisa, iniciada na Paraíba, atravessei o Agreste Pernambucano até Poção-PE, debrucei meu olhar inquieto e tracei uma rota de análise possível, buscava encontrar pontes humanas ligadas pela Renda Renascença e pela exploração simbólica, econômica e social.

Problematizar uma realidade é conhecer seus símbolos culturais, construindo uma narrativa a partir da vivência em comunidade, até porque antes de ser pesquisadora, sou “uma árvore com raízes profundas no primeiro trilho desta pesquisa”, não baseada nas aparentes respostas dadas por aqueles que se utilizam da miséria de outrem para justificar sua exploração, mas sim no ato de não se sujeitas às condições econômicas preestabelecidas por uma ótica desigual de distribuição de renda e, que submete seres humanos a mais indigna miserabilidade, roubando e sucateando seus símbolos culturais, transformando-os em mercadorias e vendendo-os como etiquetas de luxo para a elite desfilar nos salões luxuosos entre os indivíduos detentores de imenso poder aquisitivo e também responsáveis em suma parte pela miserabilidade econômica do Brasil.

Segundo Mello (2008), a linguagem dentro de suas limitações promove que algumas palavras sejam silenciadas em detrimento de outras, assim também como os sentidos convivem dentro desse prisma, inclusivo e excludente. O silêncio das mulheres rendeiras do projeto: *“Mulheres Rendeiras do Cariri Paraibano – Artesanato de Luxo”* é interpelado por vários significados que estão situados de forma oculta no escopo social, necessitando assim, serem desvendados. A empresária Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira conhece os entraves inerentes ao processo de produção de Renda Renascença, principalmente no que concerne ao alto custo produtivo, o silêncio é o vazio permeado por um imaginário de possibilidades, construídas em decorrência das minúsculas aberturas, a empresária ao “ocultar” a comunidade de Cruz das Almas do público, dando-lhe o anonimato como “vestimenta política”, engendra inúmeras possibilidades no imaginário do público que compra as peças. A partir do momento que a voz das mulheres é silenciada, a narrativa oficial adotada será a descrita pela Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira, como salienta o autor abaixo:

A linguagem é redutora, limitada, visto que ela silencia certos sentidos em detrimento de outros. O silêncio entre os interlocutores pode ser entendido como uma não-linguagem, que circunda o círculo da linguagem, temporalmente configurada, não se confundindo, pois, com o ato de se calar, que, à sua maneira, é um modo de fala. Sabe-se, entretanto, que o silêncio é, também, “*afala de um ausente*”.<sup>4</sup> Enfim, o silêncio pode se visto como o núcleo ativo da palavra: “*a palavra, no breve instante em que dele (do silêncio) procede, é um grito: o que todas as convenções sociais nos ensinaram a calar...*”<sup>5</sup>. O silêncio se apresenta como o limite da palavra, da representação do mundo, um lugar vazio que se oferece aos sentidos possíveis, às infinitas possibilidades do imaginário para os interlocutores. É no intervalo, no silêncio que algo continua a ressoar, algo fecundo que subjaz o discurso.

Durkheim (1999) conceitua função como:

A palavra função é empregada de duas maneiras bastante diferentes ora designa sistema de movimentos vitais, fazendo-se abstração de suas consequências, ora espreme a relação de correspondência que existe entre movimentos e algumas necessidades do organismo (p.13).

Tomando uma perspectiva organicista na compreensão da função social do silêncio, Durkheim (1999) salienta que na era da modernidade não é possível o surgimento do homem integral, isso ocorre pela efervescência da Divisão do Trabalho Social, acarretando que determinado indivíduo possa apenas trabalhar em um único setor, promovendo assim, a eficiência de sua funcionalidade. As funções sociais designadas aos indivíduos propiciam a solidez do escopo social devido suas relações de interdependência. O silêncio é um conjunto de significados encobertos por uma “névoa densa” do desconhecido, segundo Pessoa (1934, p. 14): “Nada sabemos da alma senão da nossa; as dos outros são olhares, são gestos, são palavras, com a suposição de qualquer semelhança no fundo”, a névoa que paira sobre o silêncio é permeada por uma rede de subjetividades inerentes aos seres humanos, que detém como característica fundante o microcosmo multicultural que sedimenta suas relações pessoais.

O silêncio das mulheres rendeiras de Cruz das Almas abre a possibilidade como já supracitado de construção de uma narrativa social apelativa que envereda suas linhas em torno da miserabilidade econômica e flexibilidade do trabalho, pauta que circula os ambientes das empresas como um “selo autêntico” do compromisso com o social e as questões do século XXI, no entanto, o silenciamento da comunidade estudada demonstra seu papel ceifador de possibilidades, Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira “cobre” sua descoberta milionária como os antigos coronéis escondiam suas “Botijas de Ouro” dentro de caixotes enterrados em suas

propriedades, trancafiados por muitas fechaduras, assim a empresária da Renda Renascença percebe a necessidade de manter as mulheres longe dos holofotes, dos demais empresários do ramo, restringindo a oferta de emprego e proporcionando a servidão das rendeiras, haja vista a escassez de oportunidade, Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira adota uma postura messiânica, sendo a única responsável pelo cessar da fome de muitas famílias de Cruz das Almas e do sítio Vale das Aroeiras. De acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS), a palavra indigente designa indivíduos que estão abaixo da linha da pobreza, não tendo a quantidade de nutrientes suficientes para sobrevivência.

O sítio de Cruz das Almas era fácil de locomover, como já esclarecido desde o início, nasci nesse âmbito mortificado pelo desamparo público, caminhando até a casa de D. Cecília, primeira entrevistada, pude sentir o vento quente assoviando nos meus ouvidos, naquele momento, questionava se deveria mesmo continuar pesquisando tal temática, no entanto, pela proximidade das casas, não tive muito tempo para pensar e logo tive que “vestir-me de pesquisadora” ou analista social, mas sempre ciente da minha condição de humana, educadamente pedi licença, D. Cecília Medeiros admirou-se com minha chegada em sua casa, fazia tempo que tinha visitado sua casa devido às atividades acadêmicas.

D. Cecília tem 43 anos, mãe de uma menina de seis anos de idade, estava tecendo Renda Renascença quando adentrei em sua residência, sentada no sofá com ombros inclinados para baixo, postura que é necessária para realizar os pontos de Renascença, causando dor quando há o excesso da prática, D. Cecília tem os cabelos brancos que emolduram sua face enrugada, vestida com roupas simples. Na casa havia muitos brinquedos em decorrência de sua pequena filha que se propôs logo a pegar o celular para gravar a possível e “dramática” entrevista, a dramaticidade estava em torna do medo escancarado em seu olhar, afirmava em cada palavra dita que não queria ter seu nome revelado, iniciei as perguntas, questionando-lhe sobre o tempo que trabalhava com Renda Renascença, houve um desencontro nas respostas, concebido por certa discórdia, em sua casa estava D. Luísa, mulher que iria entrevistar dias depois.

De acordo com Bebord (2003) o processo de sociabilidade vivenciado pelos indivíduos nas sociedades cujos padrões de produção são modernos, detém como característica fundante a sistemática acumulação de espetáculos e fingimentos, o autor chama atenção para a pseudo-realidade comungada entre os sujeitos, a verdade é esvaziada, tornando-se apenas uma ilusão idílica, um objeto de contemplação, as mulheres e homens que compraram as roupas vendidas no último bazar beneficente, vestem consigo símbolos construídos através da exploração, o espetáculo humano não é um conjunto de imagens

comprimidas em um âmbito humano, são acima de tudo, as relações sociais mediatizadas por imagens, estão usando, não apenas roupas, mas peças compradas de forma altruísta, ou seja, em uma sociedade marcada pela individualidade, como confere Bauman (2011), indivíduos que estão na contramão são raríssimos, todavia, a imagem vendida não confere com a realidade estabelecida, apresentando-se como um espetáculo humano de mentiras. Bebord (2003) afirma que o espetáculo é constituído através do modelo de vida socialmente dominante.

Retornando a entrevista, recordando o desencontro de palavras, D. Cecília não quis dizer a idade correta, facultado uma pequena discussão:

*Ah! Faz muito tempo, comprava linha e ia costurando, faz 25 anos que trabalho na renda renascença, se fosse colocar corretamente eu diria que uns 35 anos, mas coloque só 25 anos.  
Nesse momento D. Elvira interrompe sua irmã dizendo: mulher pode contar, ela não vai colocar na internet não!*

Assustada D. Cecília pergunta para mim que estava de frente sentada juntamente com sua filha pequena, eu respondo que nenhum nome verídico será disponibilizado e que não irei expor isso na internet, afinal de contas um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) leva tempo até ser publicado em diferentes meios acadêmicos. D. Cecília surpreende-se ao ser revelado que suas fotos e Ana Maria (sua filha), em uma pesquisa prévia foram encontradas fotos de todas as rendeiras no site oficial do projeto. D. Cecilia afirma que caso for questionada sobre a participação no projeto, irá negar devido à aposentadoria, como não há vínculos empregatícios, as rendeiras oficialmente são trabalhadoras na área de agricultura familiar. Em dado momento D. Cecília relatou que as doações efetuadas por D. Camila são derivadas de doações:

*Eu soube que partes das casas doadas são com dinheiro de pessoas que ajudam o projeto, ela não gasta nada nessas produções, nos bazares que ela realiza vende as peças mais baratas, porque disseram que o mercado está em crise e por isso que os outros dois projetos acabaram, os vestidos são muitos caros. **Ela arrecadou tanto dinheiro nesse bazar, essas construções, ela não dá um real, sabe quem dá? Os ricos, os cantores famosos, ela nos faz de escravo e ainda diz que é um projeto social, mas pelo amor de Deus, não coloque meu nome viu, nossa senhora alguém saber que eu estou dizendo isso, preciso desse emprego. Só uma peça de roupa que vende tira todo o dinheiro que paga para as dez rendeiras, a líder ganha mil reais, ao todo são 11 mil reais que ela paga mensalmente, fora os materiais, porém os vestidos são vendidos a preços caros, então ela ganhou muito nesse negócio.***

Na comunidade de Cruz das Almas foram construídas casas para as rendeiras necessitadas, assim também como poços artesanais para promover a acessibilidade d'água na comunidade, embora a pesquisa realizada em 2017 e já citada neste documento presente

nítidas melhorias no setor agrícola, ainda não há a democratização do acesso à água. Em 2018 uma pesquisadora formada no âmbito da Agroecologia, levada por Sr.<sup>a</sup> Camila na missão de indagar acerca das questões de miserabilidade na comunidade. Além da “pesquisadora social”, um Engenheiro acompanhava a equipe de Sr.<sup>a</sup> Camila, evidenciando principais pontos para promover supostas modificações socioeconômicas na comunidade. No entanto, esse enredo apresenta-se falho e incoerente, por dois motivos, primeiramente os apoios financeiros não advêm da marca de Sr.<sup>a</sup> Camila, em segundo lugar, os dados copilados nas entrevistas não foram disponibilizados no site oficial do projeto. Além disso, não há lista oficial de apoiadores do projeto, sendo todos os dados ocultados.

De acordo com Moraes (2018), o ramo da Renda Renascença no Nordeste Brasileiro é permeado por questões sociais, embora a presente autora não edifique sua discussão principal na relação entre produção de Renda Renascença e relações trabalhistas, é levantada a abordagem sobre o capitalismo predatório que existe no Nordeste, sendo embalado ainda sobre o pressuposto da Seca como causadora de todos os problemas sociais enfrentados pela região. Entretanto, Moraes (2018) adverte que há grandes empresárias da Renda Renascença, explorando a força de trabalho das artesãs e impossibilitando o escoamento das peças a preços justos, essa relação de exploração econômica e simbólica, haja vista a utilização de títulos que não correspondem à realidade empírica. O ato de “esconder” a localização é ocasionado como salienta Almeida (2011), pela escolha de localidades estratégicas que não estão sobre o bojo das fiscalizações, a comunidade rural é afastada proporcionando essa condição de exploração e dependência. Embora a Renda Renascença seja visualizada pelo prisma de produção simbólica regional, é necessário salientar que a dimensão simbólica também é explorada, os símbolos culturais são vendidos, transfigurados em mercadorias.

Na entrevistada, D. Cecília detinha tamanha preocupação em ter sua identidade revelada por Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira, devido ao vínculo que todas as rendeiras, exceto as aposentadas detém como âmbito rural, todas têm carteiras de agricultoras, essa questão é explicitada a seguir:

*A sorte de nos é que ela não representa a gente da Paraíba, senão estávamos lascadas, ela diz que moramos no estado do Alagoas, ela tem muitos processos jurídicos já, tanto que atualmente quem ajuda ela nesse processo é seu filho, já para encobrir essas coisas que ela faz por aqui, mas eu mesmo não quero meu nome divulgado em canto nenhum.*

D. Elvira questionou rindo fortemente, então quer dizer que somos escravas. No mesmo momento, D. Cecília aos risos respondeu: “*Sim!*”. Esse momento é permeado por um simbolismo imensurável, haja vista os risos ao despertar para a realidade “fria”, pela

expressão D. Cecília ligou a problemática da Escravidão com as novelas que já tivera assistindo ao decorrer de sua vida, não se compreendendo dentro daquele universo de exploração, até porque não conseguiam ver similaridades, de fato, observadas de longe são mulheres que produzem Renda Renascença como uma distração temporária, no entanto, a aproximação releva traços que não correspondem as reais condições trabalhistas.

Na comunidade rural de Cruz das Almas, no tocante a produção de Renda Renascença dessas quatro categorias, apenas uma não faz parte do universo de exploração, no que concerne a ideia do “estrangeirismo”, ou seja, onde o explorador desconhece as vítimas no processo de exploração, na presente comunidade Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira Soares mantém uma “relação amigável”, no entanto, isso não confere dizer que não haja exploração, durante a pesquisa por muitas vezes tive que deixar claro que nenhum nome verdadeiro seria revelado, inclusive da proprietária oficial que produz peças de Renda Renascença de Alta Costura, esse silenciamento ocorre pela divisão desigual de poder entre a figura da Patroa/Rendeiras<sup>12</sup> Trabalhadeiras, nas palavras ao ser questionada sobre as longas jornadas de trabalho:

*Cada uma recebia em torno de 500,00 reais, cada novelo de linha tinha valor econômico de aproximadamente 100,00 reais, representando um avanço, embora tivéssemos que produzir 1/3 por semana o que tornava o trabalho extenso e sem folga, tínhamos apenas 28 dias para produzir a metade de uma blusa ou saia, tínhamos que trabalhar todos os dias, das 7:00 horas da manhã as 12:00 horas, depois das 14:00 às 17:00 horas e para finalizar ainda trabalhava a noite, das 18:00 horas às 21:00 horas, sem contar os sábados e domingos onde trabalhei muitas vezes para terminar o serviço apressado, fazia “cerão<sup>13</sup>” com outras rendeiras para tentar terminar o trabalho a tempo, nem todo mundo consegue terminar, soube que Maria Vanessa entregou o Renascença, porque no dia do enterro de um familiar teve que trabalhar exaustivamente e isso fez ela entregar o serviço por não aguentar trabalhar tanto.*

Conforme Silva (2010), a coerção exercida sobre o trabalho pode ser edificada dentro de diferentes óticas, não apenas dentro de parâmetros de restrição física, mas sim dentro de sistemas morais, como ocorre por dívida, na comunidade de Cruz das Almas é possível ver essa relação quando os indivíduos recebem as “bem feitorias” em seus lares, realizando assim, nessa perspectiva, uma dívida moral, Durkheim (1999) afirma que a funcionalidade da sociedade depende de um sistema moral de crenças, constituídas com a finalidade de inibir características que venham a degradar o escopo social, na comunidade de Cruz das Almas a

---

<sup>12</sup> Geralmente as mulheres utilizam a expressão Dona da Renda ou Dona Camila, não utilizam a palavra Patroa, isso ocorre por não existir vínculos legais empregatícios. Entrevista cedida em 13.09.2019.

<sup>13</sup> “Cerão” é a palavra utilizada pelas rendeiras para designar o trabalho realizado na madrugada, inúmeras vezes presenciei familiares meus trabalhando até 02h00min horas da madrugada e acordando em torno de 05:00 horas da manhã para terminar as peças de Renda Renascença no tempo.



partir do momento que dentro do grupo constituído por dez mulheres iniciou-se o processo de disputa por poder, houve o desregulamento social, afirmando-se como um possível entrave para a Sr.<sup>a</sup> Camila, que ao ter conhecimento das discussões encontrou visíveis entraves para a continuidade do projeto, haja vista os rumores de reivindicação por parte das rendeiras quanto aos expedientes degradantes de trabalho.

A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), averiguadas na Constituição Federal de 1988, asseguram direitos aos trabalhos, prometendo jornada de trabalho, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, férias, entre outros. Tais parâmetros estão dispostos nos Art. 1º e 2º:

Art. 2º - Considera-se empregador a empresa, individual ou coletiva, que, assumindo os riscos da atividade econômica, admite, assalaria e dirige a prestação pessoal de serviço.

Art. 3º - Considera-se empregado toda pessoa física que prestar serviços de natureza não eventual a empregador, sob a dependência deste e mediante salário (BRASIL, CLT, 1943).<sup>14</sup>

No entanto, apesar das medidas constitucionais de combate as jornadas de trabalho dentro da ilegalidade, ainda há empresas que infringem às regras. Ao observar o projeto: “*Mulheres Rendeiras do Cariri Paraibano: Artesanato de Luxo*”. Encontramos essa problemática disposta, porém é necessário salientar que é um projeto assistencialista privado, ou seja, as rendas produzidas não são ligadas com a empresa de Sr.<sup>a</sup> Camila, mas sim um projeto social realizado pela empresa na promoção da equidade social e empoderamento feminino. Ou seja, é uma atividade ligada mais ao terceiro setor, que detém como função a participação da sociedade civil na resolução de problemas sociais, isto é – não contraindo a participação do Estado que ainda deve ser responsável pela promoção de demandas sociais.

## **5. ANDARILHA NA CAPITAL DA RENDA RENASCENÇA: ENTRE FÁBRICAS E RENDAS**

A cidade de Poção-PE tem aproximadamente 11.242,00 pessoas, segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que em 2019 a população esteja em torno de 11.302,00 cuja densidade demográfica é de 45,56 hab./km<sup>2</sup> (Censo 2010, IBGE).

A principal atividade econômica advém das fábricas de costura de Bordado Industrial, sendo contabilizadas quatro fábricas, incluindo a de Sr.<sup>a</sup> Joana Brado, a fábrica de Renda Renascença que também produz bordado industrial. As rotas de escoamento para as peças de

<sup>14</sup>

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452compilado.htm#:~:text=1%C2%BA%20%2D%20Esta%20Consolida%C3%A7%C3%A3o%20estatui%20as,a%20presta%C3%A7%C3%A3o%20pessoal%20de%20servi%C3%A7o.Acesso em: 12/11/2020.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452compilado.htm#:~:text=1%C2%BA%20%2D%20Esta%20Consolida%C3%A7%C3%A3o%20estatui%20as,a%20presta%C3%A7%C3%A3o%20pessoal%20de%20servi%C3%A7o.Acesso em: 12/11/2020.)

renda e, analogamente, os bordados industriais são distribuídos pelo Nordeste brasileiro, os Estados como Alagoas – AL, Sergipe – SE, Ceará – CE, Pernambuco-PE, entre outros.

Já a comunidade de Cruz das Almas é inversamente pequena ao comparada com Poção-PE, estando atualmente passando por um processo paulatino de êxodo rural, isso devido a distância da comunidade para cidades urbanas e a inexistência de políticas públicas e sociais. Nos dias de hoje, moram na comunidade aproximadamente vinte famílias, contabilizando pouco mais de cem moradores. A principal atividade econômica legitimada pelos moradores é a produção na agricultura, boa parte das famílias são produtores da Agricultura Familiar, os demais trabalham na retirada de madeira para fabricação de carvão e a atividade de Renda Renascença emerge nesse cenário, tornando-se um diferencial, a partir do momento que Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira estabelece um preço por produção mais alto ao mercado convencional, essa relação será destrinchada ao decorrer do trabalho, averiguando a presença da empresária e a convivência com o grupo.

O interesse em pesquisar a produção de Renda Renascença em Poção-PE não ocorreu de forma espontânea, realizei um levantamento prévio em sites, blogs, canais de periódicos, bancas de TCC's e defesas de mestrado e doutorado, ou seja, isso foi possível através de árduo percurso de pesquisas sobre uma temática. O “despertar” para a realidade produtiva de Poção-PE ocorreu quando tive contato em âmbito virtual com o projeto: “*Artesãs Têxteis de Pernambuco*”, esse trabalho foi exposto no site: “Mulheres que Tecem Pernambuco”, sendo resultado de um projeto aprovado pelo Edital 2015/2016 pelo Fundo de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA), a autora Clara Nogueira narrou através de algumas entrevistas realizadas com as principais integrantes na arte de tecer da localidade, é necessário pontuar que essas mulheres entrevistadas são importantes por serem pioneiras na produção artesanal de Renda Renascença na cidade de Poção-PE. O trabalho de campo realizado por Carla Nogueira (2015,2016) é relatado através da entrevista abaixo com a rendeira Maria de Odon que tinha na época 67 anos:

*Minha renda é pouca, leitura é pouca, e melhor dizer a coragem é pouca pra sair, não fui criada viajando aí hoje eu sinto maior dificuldade, não conheço Caruaru, não conheço Recife, Pesqueira pra cá. Aíeu vou dizer que eu tenho coragem de pegar uma mala de renda e ir pra esse mundo? vou nada. Por conta da leitura também, eu não tenho coragem não. Mas que dava certo dava se eu tivesse coragem. Também não vale a pena ir com duas pecinhas não, tem que ir com uma mala, cheia de renda.(Grifo nosso).*

*Eu vendo minhas brusas a 500/ a 600 eu não chego ganhar 100,00 numa peça issé ganho? não é. Pra viver desse jeito, do linhavar ao*

*tecer pra ganhar 100,00? e não é toda peça que eu ganho esse dinheiro não. (Grifo nosso)*

*Agora que eu sou apaixonada pela renascença? sou. Se se acabar meu material eu procurar e num ter um novelo de linha pra eu trabalhar vocês já nota que eu fico nervosa. Tem que ter, minha fia, porque eu gosto demais. Acordo arrumo a casa, cuido na comida, e vou fazer renascença até onze horas da noite, onze horas meia-noite depende, é é. Só isso aqui mesmo que nós temos.<sup>15</sup> (Grifo nosso).*

Em uma conversa com Carla Nogueira via redes sociais, percebi que o interesse da autora era relatar aspectos culturais na produção de Renda Renascença, não debruçando seus esforços em realizar análises robustas sobre as relações de trabalho existentes no processo de produção, apesar da entrevista deixar nítido na primeira parte grifada às dificuldades inerentes a elaboração das peças, devido os baixos custos e a falta de escolaridade das rendeiras, o estudo de campo realizado neste trabalho, averigua as relações de trabalho e exploração simbólica e econômica da Renda Renascença. Não houve de fato uma modificação, apesar dos incipientes investimentos governamentais, a soma maioria das rendeiras relatam os baixos custos de produção e, por conseguinte, as condições degradantes, o índice de escolaridade ainda é baixas e muitas crianças e adolescentes em idade escolar ainda trabalham na produção. Há, similarmente, uma dimensão simbólica na segunda parte grifada, onde Maria de Odon afirma que a renda é essencial para sua vida, acalmando-a em momentos de estresse, ou seja, é uma distração. Embora as entrevistas delimitassem um âmbito efervescente, o foco norteado estava empregado em analisar as relações de trabalho, então por esse motivo houve a necessidade de entrevistar um ambiente que tivesse essa aproximação, através do mundo cibernético, encontrei o site de Sr.<sup>a</sup> Joana Brado, onde havia uma descrição avassaladora sobre a produção de Renda Renascença, a partir de outras pesquisas visualizei que a marca detinha sede em Poção-PE.

A atividade de tecer para D. Ilza é um ato terapêutico, sendo responsável pela restauração de sua saúde psíquica, ao decorrer da entrevista em inúmeras vezes a rendeira deixa evidente a essência simbólica dessa prática para si, configurando um laço indissolúvel, ou seja, quanto maior a dependência emocional ou financeira que determinado indivíduo detém sobre algo, isso irá respingar de forma considerável em sua saúde psíquica.

*Eu sou aposentada e trabalho com Renda Renascença em casa, arrumo a casa, faço a comida e quando termino de arrumar a cozinha, vou fazer minha Renascença, às vezes faço cerão a noite, eu*

---

<sup>15</sup> Entrevista concebida a Carla Nogueira entre os anos de 2015 e 2016, encontrada no site: <http://mulheresquetecempe.com.br/artesa/maria-de-odon/>> Acesso em: 10/09/2019

*gosto de fazer meus “cerãozinhos” para agilizar o processo, assisto a missa. Eu trabalho mesmo porque eu gosto da Renascença, hoje em dia não é por necessidade econômica, é por amar a profissão de Rendeira, embora seja algo trabalhoso, essa semana mesmo, Segunda-Feira eu vim para D. Joana Brado me dá uma Renascença, como ela ainda não tinha medido o risco, resolveu me entregar uns paninhos para eu fazer, eu fiz duas dúzias em uma semana. Muita gente acha barato, mas quem quiser faça, quem não quiser não faça, eu mesma fazendo é o que importa, eu faço porque seu eu ganhar um real, eu estarei feliz porque foi do meu trabalho, foi do meu suor. Antes de eu aprender, nesse tempo ninguém tinha trabalho, depois que começou aparecer a Renda Renascença, ai tudo mudou, a gente começou a se desenvolver na Renascença, começamos a Vender ai na feira, depois a Feira acabou, a gente ficou procurando as pessoas para trabalhar – as mulheres que davam Renascença, hoje eu faço para Sr.<sup>a</sup> Joana Brado e para outras pessoas que conheço também. Quando acabou a feira somente sobrou a fábrica, então eu corri para aqui, peguei minhas rendinhas e já fui fazendo, eu faço rendas mais para fábrica, mas se aparecer Rendas para outras pessoas, eu faço também. Torre, sianinha, amor seguro, vassorinha. Eu fui ensinar Renda Renascença em Campina Grande, ensinei as minhas primas também, mas eu hoje eu não sei se elas sabem. **Eu recebo 3,50 cada barrinha de Renda Renascença.** (Grifo nosso).*

As atividades que envolvem a produção de bens materiais artísticos promovem prazer e satisfação nos indivíduos que os desenvolvem isso pode ser observado nos discursos de D. Ilza que relata sua imensa satisfação em realizar a atividade, as profissões ligadas à pintura e ao teatro trazem essa dimensão, haja vista a presença da apreciação do público no trabalho realizado, ou seja, a exposição causa um prazer na medida em que os indivíduos apreciadores da arte aplaudem as obras desenvolvidas, Sr.<sup>a</sup> Joana Brado e Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira admitem que a atividade da Renda Renascença é uma obra de arte autêntica e imensurável. Outro ponto também relatado nessa entrevista é o baixo custo de produção, cada centro de mesa custa por volta de R\$ 3,50, conotando assim, um valor absurdamente desvalorizado no mercado local. Ilza descreve o quanto a ausência da feira de exposição que ocorria em Poção-PE fragilizou a produção, tornando-o as rendeiras a mercê das grandes empresárias do ramo, no entanto, ainda ressalta a importância de Sr.<sup>a</sup> Joana Brado para região e seu impacto na economia, isso ocorre em detrimento do alto índice de empregabilidade da fábrica, que apesar de suas inúmeras fragilidade, demonstra-se ainda um suporte de sobrevivência.

A segunda entrevistada é a Maria Jasmine que também trabalha para a Sr.<sup>a</sup> Joana Brado de forma similar com as demais também sem vínculo empregatício, em seu relato descreve que:

*Eu trabalho há mais de 13 anos com Renda Renascença, estou com 22 anos de idade Comecei a tecer Renda Renascença por curiosidade. É tradição na família as mulheres tecerem a Renda. **Meu irmão***

*também tece Renda. O sustento financeiro da família é adquirido em maior parte pelo salário de doméstica da mãe. Sou rendeira por prazer, gosto e isso distraí minha mente. A Renda Renascença não é muito valorizada na região, antigamente era mais valorizada e dava mais dinheiro. **Eu acredito que não dá para viver só de Renda hoje em dia.** Material fica mais caro a cada ano que se passa. Quando tem a Feira da Renascença a Prefeitura de Poção ajuda financeiramente as rendeiras. Meu ponto de Renascença favorito é o “pipoca”. Tenho uma filha, mas ainda não ensinei Renda Renascença, porém a menina as vezes pega o material e tenta tecer quando me observa tecendo. **Nunca fiz uma roupa para mim própria. Vendi uma blusa de Renda por cerca de R\$ 100,00 em Poção.** Acho que peças por encomenda geram mais lucros do que peças prontas. (grifo nosso).*

Conforme Moraes (2018), a produção de Renda Renascença encontra diversos problemas principalmente sua disparidade de preços entre as regiões. Enquanto que na Cidade de Camalaú-PB há rendeiras-mestres que vendem uma blusa por 1.000,00 reais, demonstrando a disparidade de valorizações entre as regiões e alargando a problemática alicerçada na Escravidão Contemporânea. Adentrando também no projeto, Mulheres Rendeiras do Cariri Paraibano: Barbado de Luxo, D. Camila vende as peças em seu ateliê espalhando em grandes capitães do Brasil por cerca de 5.000,00 a 20.000,00 reais, dependendo o nível de exclusividade das peças, quanto mais exclusivo for determinada vestimenta, maior será sua valorização no mercado da Alta Costura.

A jovem Leidiane afirma que sobreviver apenas com Renda Renascença é praticamente impossível e isso torna mais alarmante o barateamento das peças em Poção-PE, conforme a jovem atendente da loja inúmeras empresárias do ramo vão até a cidade comprar peças a baixo custo e vender pelo triplo até mesmo nos aeroportos, demonstrando o quanto há aproveitadores nesse ramo, descrito muitas vezes através de uma chave analítica simplista, buscando enveredar apenas pelos caminhos da produção simbólica, sem problematizar as relações trabalhistas e condições dignas de existência, até mesmo no vislumbre simbólico há nítidos enfrentamentos, como disposto na relação arbitrária de Sr.<sup>a</sup> Camila e as mulheres que compõe o projeto: “Mulheres Rendeiras do Cariri paraibano – artesanato de luxo”.

A rendeira entrevista D. Elvira afirma que depende da modelagem da roupa, o custo de produção de uma blusa varia dos preços da linha e lacê, além das dificuldades para encontrar uma rendeira que saiba fazer a modelagem, ou seja, o desenho (Sr.<sup>a</sup> Joana Brado chama de desenhista), abaixo os preços dos principais materiais na produção artesanal de Renda Renascença, mapeamento de preços realizado em Camalaú-PB:

**TABELA 01** – Principais materiais na fabricação de Renda Renascença

<b>Lacê</b>	9,00 reais
<b>Um novelo de linha</b>	9,00 reais
<b>Caixa de Linha completa</b>	90,00 reais
<b>Folha de risco</b>	1,50 reais
<b>Cola própria para o risco</b>	8,00 reais
<b>Caneta de desenho</b>	4,00 reais

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Segundo Moraes (2018) a fábrica de Sr.<sup>a</sup> Joana Brado é uma das maiores produtoras de lacê da região, ou seja, matéria prima essencial na produção das peças de renda, isso ajuda o barateamento, no entanto, cidades como São João do Tigre-PB, Camalaú-PB, Sumé-PB, Prata-PB, isto é – as cidades que fazem parte da rota de escoamento da Renda Renascença convivem com uma realidade totalmente diferente, os preços dos materiais primários são caríssimos e o custo final de produção é sucateado, algumas rendeiras chegaram a relatar que ganham de lucro apenas 5.000,00 reais, por isso resolvem trabalhar para mulheres que detém o capitalismo predatório como prática, como a Sr.<sup>a</sup> Camila Ferreira, em Poção-PE o custo dos materiais é mais barato e as peças seguem esse mesmo percurso, demonstrando que não há muitos ganhos.

A construção de uma marca tipicamente regional enfrenta problemas, principalmente quanto à adesão por parte do público, sendo essa uma questão discutida ao decorrer da entrevista. No entanto, Sr.<sup>a</sup> Joana Brado afirmou que sua mãe tinha “sina”<sup>16</sup> para o negócio, sendo visionária e mesmo sem qualificação necessária, compreendia noções de administração, possibilitando o crescimento da marca, a entrevistada atribuí-lhe a noção de dom na seguinte frase: *“acho que tem gente que nasce com aquela sina para a coisa, né? O Dom”*. Essa questão do dom não poderia passar despercebida pelo olhar sociológico, segundo Bourdieu (2007), a construção da noção de dom passa por um crivo concebido através das hierarquizações do conhecimento, ou seja, depende do ambiente de inserção do indivíduo, provavelmente o âmbito social possibilitou o surgimento da marca Joana Prado Renda Renascença e Glamour, promovendo o sucesso, uma série de questões sociais foram envolvidas, descartando o prisma analítico atribuído a partir da noção de predestinação, isto é

<sup>16</sup> Sina significa - (conforme o dicionário), nessa questão em análise significa a noção de Dom, que os indivíduos nascem com habilidades inatistas e que se desenvolvem sem influência no meio social.

– que os indivíduos detêm seus destinos inscritos desde o nascer, comprimindo-os e transformando suas alternativas restritas.

É importante elucidar que a abordagem de Bourdieu (2007) edifica-se ao analisar o ambiente escolar, demonstrando as condições desiguais de aprendizagem e mostrando as relações entre os diversos tipos de capital, entretanto, esse conceito cabe perfeitamente na discussão, pois como já supracitado, Manoel Anastácio, casado com Maria da Conceição Sebastiana (pais de Sr.<sup>a</sup> Joana), tinha uma tia que ajudava na alimentação, promovendo que a compra de comida fosse dispensada, haja vista a ajuda financeira, isso proporcionou que ambos conseguissem guardar dinheiro extra, edificando um ambiente econômico favorável, ou seja, a partir do momento que os indivíduos não se preocupam com a subsistência, outras necessidades são colocadas em pauta, como por exemplo, a criação de uma empresa de Renda Renascença.

De acordo com a teoria de Maslow (1962), os fatores de satisfação humana estão edificadas em cinco pontos essenciais – necessidades fisiológicas, necessidade de segurança, necessidade de pertencimento emocional, necessidade de estima (ligada ao prestígio), autorrealização (esse nível inclui as atividades ligadas com a produção de criatividade), conforme essa teoria a partir do momento que um determinado indivíduo adquire as potencialidades do seu nível segue para o próximo sucessivamente, até atingir a autorrealização, as necessidades fisiológicas são consideradas nesse prisma as simples, no entanto, em país como Brasil, o número de pessoas vivendo em situação de pobreza em 2016 passou de 25, 7% para 26, 5% em 2017, demonstrando nítidos retrocessos. Diante desse cenário, torna-se nítido que suma parte dos brasileiros se encontra em condição de inercia quanto às necessidades fisiológicas. Ou seja, isso configura reafirmar que houve condições favoráveis para o surgimento de uma empresa de Renda Renascença na cidade de Poção-PE, durante os dias da pesquisa, andei por alguns departamentos, na entrada da fábrica, torna-se nítido o luxo e o requinte do ambiente, a fábrica pintada de vermelho de forma impecável. Juntamente com a fábrica fica a loja, onde adentrei para questionar sobre os preços das peças de Renda Renascença, a atendente foi receptiva e gentil.

*Meus pais fizeram de tudo para que eu pudesse estudar, mas eles não conheciam muito sobre o mundo do negócio, aprenderam caindo e levantando, hoje eu ajudo no processo administrativo, no entanto, já são trinta anos no mercado de trabalho, então eles travaram um longo percurso. Poção-PE é muito longe de tudo, então tudo que a gente precisa em relação aos insumos, fica em Caruaru, São Paulo, até mesmo para realizar especialização na área, temos que contratar instrutores de São Paulo e de outras regiões, proporcionando muitos gastos, essa é uma das maiores dificuldades, à distância.*

Ao perceber que Sr.<sup>a</sup> Joana Prado narra as dificuldades quanto o acesso a Poção-PE, questionei sobre a possibilidade de abrir outras fábricas, assim como outras empresárias da Renda Renascença fazem atualmente, adentrando até mesmo em mercados internacionais como a estilista brasileira Martha Medeiros, reafirmando a necessidade de promover o desenvolvimento local, Sr.<sup>a</sup> Joana Prado responde:

*Já que minha mãe mora aqui e lá no início quis promover o desenvolvimento da comunidade, acredito que esse seja o local ideal, já fui convidada para abrir lojas em outras cidades, mas minha mãe nasceu aqui.*

Sobre o crescimento da Renda Renascença no Brasil e no mundo, Sr.<sup>a</sup>. Joana Prado realizar severas críticas, pontuando o ambiente ainda refratário, em suas palavras: “eu acho que ainda falta muito, principalmente quanto o apoio político, por ser uma linha de artesanal deveria haver mais incentivo, o governo não investe no nome da região, por exemplo, como existem tantos polos, deveria existir uma bolsa matéria, onde deveria haver um desconto, alguma coisa que incentivasse elas a trabalharem mais na Renda Renascença, acredito que ainda não seja tão divulgado, então isso é algo que acredito ser importante também, muita gente ainda não conhece a Renda Renascença, muita gente ainda nem sabe que é feita a mão, então eu acho que deveria haver um apoio nacional, algo que as pessoas vissem que não existe apenas poção, poção é o lugar onde a gente trabalha, mas atingimos o mundo inteiro, acho que precisaria de um apoio político de intervenção mesmo, porque é muito caro, já imaginou trazer materiais do Sul para chegar aqui em poção? Mas, as pessoas não veem isso, as pessoas tratam como a gente como se fosse uma fábrica, que corta tecido e produzimos, não é isso, a Renda Renascença é algo que é uma junção de tudo, eu digo que é uma pela de renda passa por 10 mãos, há a pessoa que risca, a pessoa que faz o acabamento, a lavadeira, é no mínimo umas 10 mãos para produzir apenas uma peça, isso tirando a modelista ( estilista), então as pessoas não veem, não é como pegar um tecido de 1 metro e meio e cortar e fazer uma peça, é muito além disso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Geralmente é utilizado para esse último momento do texto “considerações finais”, no entanto, o escopo de pesquisa é extenso. Neste aspecto, as considerações são inconclusivas, pois a pesquisa ainda tem um grande trajeto a ser enveredado. Diante do levantamento bibliográfico, compreende-se que para determinada vestimenta de roupa ser considerada Alta Costura, tal deve atender critérios normativos de distinção social, tais como: exclusividade das peças, público seletivo e de camadas sociais com poder aquisitivo alto, trabalho



manual/artesanal padronização estética e de designer, assinatura de um estilista de renome nacional ou internacional. É importante salientar que segundo Moraes (2018) há também o caráter diferenciador da marca, a partir do momento que determinada franquia de Renda Renascença, torna-se uma marca legitimada, a probabilidade de adentrar para o grupo minúsculo de estilistas que são considerados designers de peças de Alta Costura aumenta.

O segundo ponto do escopo teórico deste trabalho, pretende realizar em primeiro momento um breve apanhado históricos dos direitos trabalhistas, dando ênfase nas legislações no tocante as relações trabalhistas, trazendo um debate sobre o trabalho análogo ao escravo. No texto também há uma discussão sobre as relações de flexibilização no ambiente do trabalho.

Ao tocante a comunidade rural de Cruz das Almas, existe indícios de relações de trabalho flexíveis e de baixa remuneração, além de certa insalubridade na produção de Renda Renascença. No quesito artesanal na produção de Renda, fica constatado que as peças construídas pelas rendeiras são exemplares únicas e tidas como elementos de distinção social como salienta Bourdieu (2007).

Em Poção-PE foi disposto um alargamento da pesquisa, evidenciando questões que suscitam olhar crítico, por exemplo, a inexistência de contratos jurídicos entre as rendeiras e a Sr.<sup>a</sup> Joana Prado, bem como visualizamos a desvalorização do trabalho artesanal das rendeiras, causado pelo baixíssimo preço das peças. No caso da produção de Renda Renascença em Poção- PE percebe-se a presença de práticas de capitalismo predatório e da dificuldade de escoamento das peças. É necessário pontuar que as rendeiras não são contratadas através de acordos jurídicos nem são compelidas através de contratos morais, isso resulta numa certa “autonomia criativa” e “autonomia do saber-fazer renda”, as rendeiras podem fabricar peças para outras pessoas, não sendo restrito apenas a Sr.<sup>a</sup> Joana Prado. Ademais, vemos o caráter simbólico apresentado de forma forte na maioria das rendeiras, ainda há aquelas que trabalham pelas condições de existência difíceis, no entanto, o grupo pesquisado há um número considerável de mulheres que fazem renda pela identificação cultural tradicional e como atividade de lazer, saindo assim, do prisma de “obrigação moral de subsistência”.

Destarte, torna-se evidente que o trabalho suscita questões que necessitam de aprofundamento, haja vista a ausência de trabalhos acadêmicos de mapeamento dessas realidades. Esse estudo engloba o grupo de pesquisadores que estudam Renda Renascença e questões econômicas, progredindo no que consiste a discutibilidade das relações de trabalho, nunca antes discutidas utilizando bibliografia específica, mas sim como uma questão

secundária, ao contrário do estudo descrito aqui, enaltecendo essa questão como central no trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. **Marcados pela desigualdade: o trabalho escravo na cana de açúcar no Estado de São Paulo (1995-2010)**. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC, 2011.

ALVES, G. **Trabalho e Mundialização do Capital**. Londrina: Praxis, 1999.

AVANCINI, C.J. **Rendas Nordestinas, Cultura, Identidade, Designer. Trabalho de conclusão de curso**. (Universidade de Designer). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018

BAUMAN, Z. **Ética Pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_ **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_ **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CARDOSO, A. M. **A Construção da Sociedade do Trabalho**. Rio de Janeiro: Amazon, 2019.

CANDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Duas Cidades: Livraria Duas, 1987.

COMPARATO, F. K. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2003.

CANCLINI, N. RONCAGLIOLO, R. **Cultura transnacional y cultura popular**. Lima: IPAL, 1988.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, 2007.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2019.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DeJean, Joan, **A essência do estilo - como os franceses inventaram a altacostura, a gastronomia, os cafés chiques, o estilo, a sofisticação e o glamour**. Rio e Janeira: Editora Civilização Brasileira, 2011.

DURKHEIM, E. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Abril Cultural, 2015.

LIPOVETSKI G.. **O império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

LAKATOS, E. M, MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

OSÓRIO, Carlos. **O artesanato das Rendeiras de Renascença, no Agreste do Estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil**. Recife: PIMES/UFPE, 1983.

OITICICA, Leite. **A Arte da Renda no Nordeste**. Recife: museu do açúcar, 1974

MORAES, C. G. M. S. M. **Renascença Extraordinária: Dinâmica Social e Produtiva em Transformação no Cariri Paraibano**. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2015.

NÓBREGA, Christus. **Renda Renascença: uma memória de ofício paraibana**. João Pessoa: SEBRAE/PB, 2005.

FERREIRAS, N. O. A escravidão depois da escravidão: a questão do trabalho compulsório na constituição das organizações no período entre guerras. **Revista Dossiê: Novas Perspectivas**, v. 22, n. 41. Set/dez, 2016.

FERNANDES, Florestan. **Sociedades de Classes e Subdesenvolvimento**. São Paulo: Global, 253 p. v. 1. 2008.

FLUSSER, V. **O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FONSECA, J. X. **Alta Costura e a Moda do Século XXI**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2015. GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora. S.A, 2008.

GOLDEMBERG, Samuel L. **Lace: its Origin and History**. Bretanos New York, 1904.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ELIAS, Norbert. **Sociedade de Corte, A: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KREIN, José Dari; PRONI, Marcelo W. **Economia Informal: aspectos conceituais e teóricos**. Brasília: OIT – Brasil, 2010. (Trabalho decente do Brasil; Documento de trabalho, n. 4).

KREIN, José Dari; OLIVEIRA, Roberto Vêras de; FILGUEIRAS, Vitor Araújo. **Reforma Trabalhista no Brasil: promessas e realidade**. Campinas, SP: REMIR Trabalho, 2019.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos Sociais: Afinal do que se trata**: Minas Gerais: UFMG, 1999.

SILVA, Gezenildo Jacinto da. **Rendas que se Tecem, Vidas que se Cruzam: Tramas e vivências das rendeiras de Renascença do Município de Pesqueira/PE (1934-1953)**. Mestrado, UFPECFCH, Recife, 2013. Orientador: Prof. Dr. Severino Vicente da Silva.

SILVA, Edna Lúcia da. MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, São Paulo, p. 87-145, out. 2000.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. Olhares sobre o “Rural” Brasileiro. **Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, Campina Grande, V 23, n 01 e 02, p 82-97, jan.2004.

WEBER, C. **Rainha da Moda: como Maria Antonieta se vestiu para** a Revolução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.